



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Um coração capaz de construir uma paz desarmada e desarmante

Na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2026, Leão XIV retomou o tema de uma paz desarmada e desarmante, lembrando que ela só pode ser alcançada por uma renovação do coração e da inteligência. Mas como seria essa renovação do coração, capaz de resistir à violência e vencê-la? É uma questão que vale tanto para as guerras entre nações quanto para nossos conflitos cotidianos, sejam políticos – e vamos enfrentar muitos nos próximos meses –, sejam de convivência. Por isso, nesta edição do Caderno Fé e Cultura, convidamos dois psicólogos, uma monja beneditina e o fundador de uma escola de formação política para explicar como veem a possibilidade desse coração no mundo de hoje.



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Ousar quebrar o vaso de alabastro

Um coração se torna desarmado e desarmante quando aceita quebrar seu próprio vaso de alabastro, isto é, se entrega sem calcular.

Dener Luiz da Silva*

Era a casa de um tal Simão, e uma mulher – que a tradição chama de pecadora – entra silenciosa. Traz consigo um pequeno vaso de alabastro com perfume precioso. Sem pedir licença, ela o quebra e derrama todo o óleo sobre a cabeça e os pés de Jesus. A casa se enche de fragrância. Os convidados se escandalizam. Alguns reclamam o desperdício. Mas Jesus a defende: “Ela fez uma boa obra para comigo” (Mc 14,6).

Para mim, ter um coração desarmado e desarmante é fazer essa “boa obra para Jesus”: reconhecer-me apaixonado a ponto de quebrar meu próprio jarro de perfume, minha essência. Nada guardar ou medir pelo “útil” ou “produtivo”. Um coração de-

sarmado é aquele de que já não precisa de defesas, de justificativas, de máscaras. Ele se expõe, se derrama, arrisca e tem os olhos arregalados! E, ao se derramar, desarma o outro – porque o perfume do amor gratuito desmonta rigidez, juízo ou muro.

Como, porém, conseguir este coração? Não por esforço moral ou técnica psicológica. É no chão da rotina que o alabastro pode ser quebrado. Consegue-se amando as pequenas e concretas pessoas que a vida coloca ao nosso lado. E, no meu caso, acredito que é um exercício ou convite diário.

Desde que uma tia idosa (93 anos) veio morar conosco, assumi a rotina de fazer para ela o café da manhã. Nem sempre faço com atenção, carinho ou amor, por vezes sinto que o vaso tem a parede dura como granito. Outras, no entanto, violento minha

indiferença ou indisposição e ofereço o meu melhor: pequena fissura, eflúvios do perfume sentidos no ar. Reconheço que há pequenas rachaduras quando olho para minha esposa e filhos e aceito seus limites – quando não exijo deles o desempenho que planejo ou gostaria, acolho suas lentidões e teimosias.

Sou psicólogo da educação e professor universitário, e cada aluno que encontro traz uma história única, às vezes de cansaço, desânimo ou medo. Amar o destino deles – como são, não como gostaria que fossem – é suportar suas dificuldades e bloqueios – não devolver julgamento, mas devolver presença, vendo que, por trás de cada limite, há uma pessoa sedenta de ser reconhecida.

Na dimensão comunitária, rezo e agradeço todos os dias por minha

comunidade, surpreso ao ver tantas “mulheres” ousando quebrar seus vasos e perfumando meus próprios limites. O desconsertar ao ver que um coração apaixonado contagia. Estudo e medito com os meus amigos, porque sei que o coração desarmado não se constrói sozinho, precisa do exercício comunitário do perdão, da escuta e da partilha.

Por fim, a resposta é simples, mas contraintuitiva: o coração desarmado e desarmante se conquista na humilhação voluntária de servir. Não há atalho, requer quebrar o vaso e deixar que o perfume – que é o amor de Cristo em mim – se espalhe, mesmo que cheire a despropósito aos olhos do mundo. Porque, para o amor, nunca é desperdício, é eternidade.

*Professor de Psicologia da Educação na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

O culto à força e à agressividade em nosso tempo

Em uma sociedade deslumbrada com a força, a paz desarmada e desarmante vem do amor e da coragem que nascem da fé.

Redação

Cresce, em nossos tempos, uma mentalidade que celebra o valor da força, do confronto e da hostilidade. Não é por maldade das pessoas – ainda que alguns manipulem essa tendência. É reflexo do desencanto com as lideranças políticas, da sensação generalizada de insegurança, do enfraquecimento dos laços comunitários que antes davam senso de pertencimento e apoio. Nesse contexto, a agressividade vira linguagem de afirmação para quem se sente invisível ou desrespeitado.

Viver em permanente autoafirmação e vigilância contra o outro, porém, é desgastante: gera ansiedade crônica, nunca se pode baixar a guarda. Empobrece a empatia, já que reconhecer a dor alheia soa como concessão perigosa. Gera

postura defensiva, em que a imagem de força esconde uma insegurança profunda não elaborada – quanto mais frágil a pessoa se sente por dentro, mais precisa parecer dura por fora.

Com o tempo, essa couraça cobra um preço alto: isola e empobrece o espírito. Quem só sabe se relacionar pela força perde seus vínculos de amor, confiança, cooperação e apoio. Essa posição leva à exaustão emocional, à solidão disfarçada de autossuficiência e a uma dificuldade crescente de pedir ajuda ou admitir vulnerabilidade; compromete o bom senso, a razão cede à necessidade de se justificar e deslegitimar o outro; impede a sociedade de encontrar as melhores soluções para os problemas, pois essas sempre implicam entendimento e cooperação.

A ternura, o cuidado e a abertura que nascem do amor não são fraquezas, mas sim a resposta mais adequada e racional aos problemas de nossa sociedade.

Ira, o pecado que cega

Criado livre para amar, o ser humano também carrega em si a possibilidade de reagir com fúria diante daquilo que vê como ameaçador. Entre a liberdade e o instinto, a ira pode ser apenas emoção ou tornar-se um perigoso pecado.

Dalton Rothen*

Quando reflito sobre o ser humano, fico extasiado em constatar a maravilha que somos, um complexo físico, psicológico e espiritual. E aí só posso exaltar, como o salmista, a Sabedoria imensa de nosso Criador: “Eu vos louvarei, Senhor, de todo o coração, todas as vossas maravilhas narrarei.” (Sl 9,2-3)

Entretanto, nós não viemos para a vida completos. Faz parte de nossa missão nos construirmos, participando da criação de Deus, nos desenvolvendo.

Deus criou o ser humano com livre arbítrio, que pode levar ao bem ou ao mal. Este livre arbítrio é necessário para que possamos desenvolver a maior de todas as nossas capacidades, a de amar. Somente na liberdade conseguimos amar. Sem a liberdade não existe o amor, que é uma ação voluntária. Nós escolhemos amar. Temos uma energia que nos empurra para a manutenção da vida e para que nos desenvolvamos. E isso é dom de Deus.

No entanto, quando essas tendências são exacerbadas, tendemos àquilo que denominamos pecados capitais. A sexualidade, por exemplo, pode levar à luxúria, e o autocuidado pode levar à ira.

Na estrutura do cérebro. Há uma parte do cérebro chamada amígdala, que tem a função de olhar para todas as informações que ele recebe e se fazer uma pergunta: é uma ameaça, é algo com que devo me preocupar? Esta parte do cérebro pode dominar a restante com uma fúria incontrolável. Quando há a percepção de perigo, o corpo reage em cascata, aumentando os batimentos cardíacos, a pressão sanguínea e a transpiração: está se preparando para lutar ou fugir. A amígdala é uma parte primitiva do cérebro. Ela existe porque o cérebro humano é feito de camadas que se sobrepuseram às anteriores em milhões de anos de evolução. Ela cria uma reação imediata contra uma ameaça: lutar ou fugir.

Os seres humanos, porém, desen-

volveram outra parte do cérebro, os lóbulos frontais, que funcionam como freio da amígdala. O motor da reação à ameaça é a amígdala, seu freio é o lóbulo frontal. A pessoa que foi dominada pela ira fica temporariamente insana até que sua amígdala seja controlada.

Tempos intranquilos. É normal ouvirmos que vivemos no período mais agitado da humanidade. Mas este estado de agitação não é característica exclusiva dos nossos tempos. Relatos de 2,3 mil anos atrás já indagavam: “Por que esta agitação dos povos e este rosar inútil das nações?” (Sl 2,1). Consegue imaginar como era a vida naquele tempo? Como se vivia o ritmo das coisas, a velocidade com que as notícias circu-

lavam? O salmista expressa um estado de estresse: “agitação dos povos”. Povos agitados, inquietos, ansiosos e intranquilos. Não sabemos a que fato ou situação específica, se é que existia uma, ele se referia, mas descreve um estado que nós hoje conhecemos muito bem. O salmista exaltava que a agitação era um resmungar inútil, que não servia para nada. E hoje, qual é a utilidade do nosso rosar? Atualmente, os povos se agitam *on-line*. O normal da era da comunicação é a agitação permanente.

Se antes existia um perigo iminente ao se defrontar com uma fera, hoje o ser humano vive perspectivas de perigo induzidas pela comunicação social, internet, o “nós contra eles”, e assim por diante. Ou seja, nossos mecanis-

mos de defesa estão sendo acionados o tempo todo, causando um impacto em nossa saúde psicológica. A sensação de perigo gera a raiva, importante mecanismo de reação do organismo. A raiva permanente gera o rancor, que pode desencadear a ira.

A ira pode ser o mais mortal dos pecados, o que mata. Ela nos cega. Um homem furioso não pode ver a luz. Todos ficamos furiosos às vezes. Se a ira levar à crueldade, à violência e à opressão ou perseguições, então ela é pecado; mas se for uma emoção sentida pelo indivíduo e não tiver nenhuma consequência, a ira pode ser forte, mas não é pecaminosa.

Identificamos como sendo externos os motivos que nos levam à agitação. Entretanto, boa parte desses fatores é interna e tem a ver com a situação existencial do ser humano. Diariamente, temos motivos para ficar contrariados ou irados. O problema é que se não dissiparmos esses sentimentos, eles vão se acumulando e poderão desencadear reações muitas vezes fora do controle.

Não dar lugar ao demônio. E o que nos indica o Evangelho? A nos desarmarmos pelo perdão. É a sabedoria do “perdoar setenta vezes sete”, que significa sempre, para não deixar acumular dentro de si o rancor. Na epístola aos Efésios 4,26-27, lemos: “Mesmo em cólera, não pequeis. Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento. Não deis lugar ao demônio”.

Paulo nos ensina a não acumular raiva e a resolver os conflitos diariamente, evitando que mágoas passageiras se transformem em sentimentos destrutivos de longo prazo. Dar lugar ao demônio é dividir-se interiormente e acumular tensões que podem levar à violência. A virtude que se contrapõe à ira é a mansidão. E os mansos, segundo Jesus, herdarão a terra, a boa aventura, ou seja, a vida feliz.

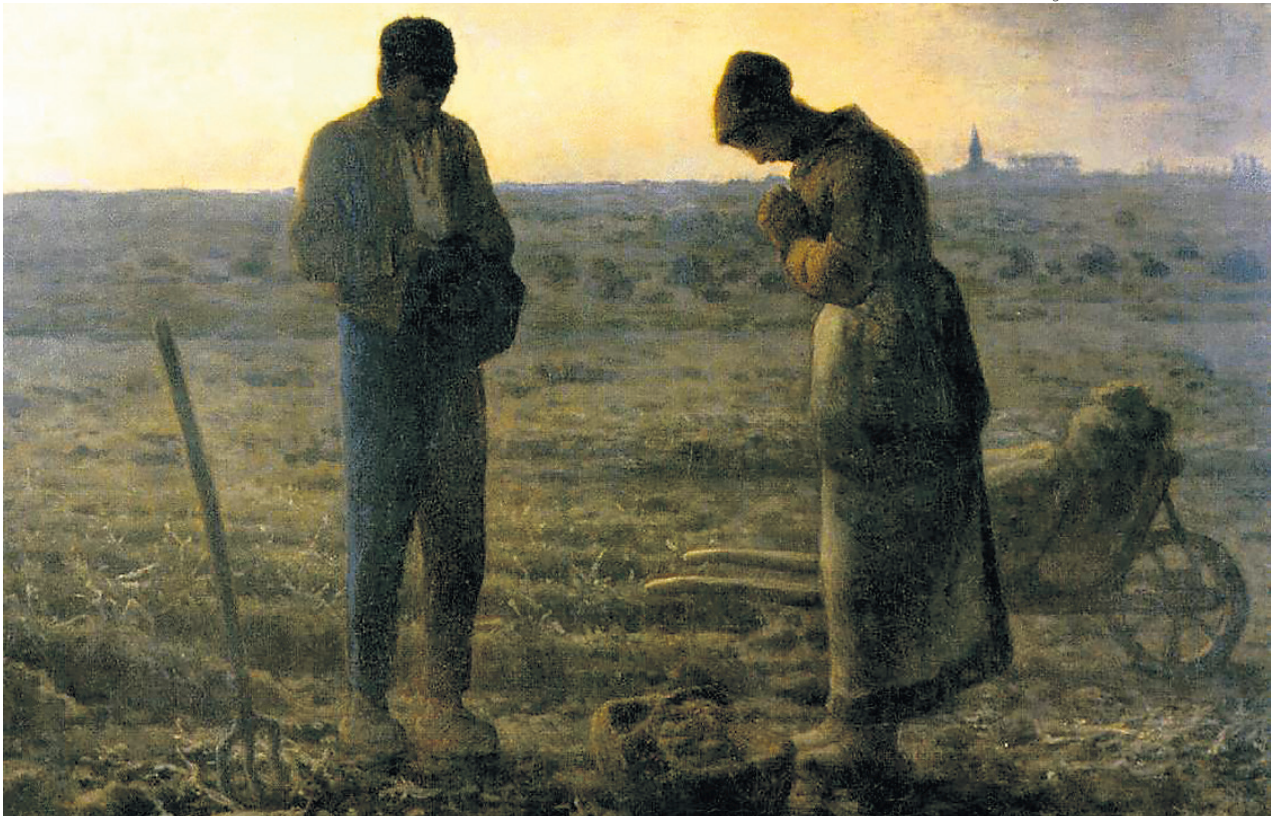
*Psicólogo e consultor empresarial, autor do livro *Para Uma Vida Melhor* (São Paulo: Record, 2008). Coordena o curso “De Alfa a Ômega”, um ciclo de estudos voltado ao aprofundamento da fé cristã. Recebeu a Medalha São Paulo Apóstolo, na categoria Inovação na Metodologia Pastoral, em 2025.



O caminho da reconciliação consigo mesmo na tradição monástica

O coração desarmado ama e, a partir do seu gesto de amor, desarma; mesmo que demore um pouco de tempo e exija sacrifícios, pois o coração pacificado gera, pouco a pouco, um fascínio que é contagiante, e vai, devagarinho, desarmando outros.

J.F. MILLIET. O Angelus. Fonte: Wikimedia Commons



Ana Lydia Sawaya

A tradição monástica nos diz que o amor que pacifica nasce da reconciliação com o nosso próprio ser, é resultado de um processo de unificação do nosso eu. A cultura moderna, o consumismo, a tecnologia, a educação, a busca pela produtividade e resultado em cada gesto e ato geram uma enorme fragmentação no nosso ser. O eu fragmentado é violento, insatisfeito, cheio de medo e desconjuntado; em última instância, é um eu absurdo e sem sentido. A fragmentação do eu, porém, não é conforme a natureza humana, mas uma aberração desenvolvida pela cultura moderna. A esta cultura, os monges dizem com mansidão e humildade: “Esse não é o caminho da felicidade”.

De fato, a fragmentação do eu leva à violência contra si e contra os outros, e nos obriga a nos armarmos e a nos defendermos o tempo todo. Enquanto os monges nos dizem delicadamente: “Não é por aí” ...

Não se trata de uma descoberta. É algo simples, que está dentro de nós, que diz respeito à nossa natureza humana tal como foi feita: a experiência de um coração que ama. Este coração que ama vive a paz e gera a paz. Santo Agostinho (354-430 d.C.) diz que a paz é a tranquilidade que advém de uma realidade ordenada, é fruto da experiência cotidiana de que as coisas que vivemos estão ordenadas.

Atenção, contudo: a tranquilidade da vida ordenada não significa bem-estar. A busca desenfreada de bem-estar faz parte do caminho equivocado. A maior tranquilidade que se possa experimentar acontece no sofrimento vivido com um coração pacificado. Não há maior dignidade do que abraçar o sofrimento inevitável com amor. A ordem de que fala Santo Agostinho é a disposição justa das coisas, segundo a sua própria natureza e o seu próprio fim: “Faço isso como eu posso fazer, mas com toda a minha dedicação, o meu amor e respeito”. Existe paz quando cada pessoa ocupa o seu lugar e vive o que é chamada a viver, de acordo com uma ordem que a precede e a orienta. A violência é sempre desordem, é resultado de se estar fora de lugar. Nenhuma injustiça é ordem, mas violência à ordem preestabelecida por Deus.

Três atitudes fundamentais. Os monges se entregam no relacionamento com as pessoas, as coisas e os

acontecimentos, buscando, antes de tudo, o bem, a beleza e a verdade que são os atributos de Deus e o modo como Deus age. E isso é amar. Quem vive buscando a beleza, a verdade e o bem, ama, é pacífico e ordenado dentro de si. A vida monástica é uma escola que ensina três atitudes para amar e, como consequência, viver e gerar paz em nosso coração e ao nosso redor:

- A obediência que nasce da fé em Deus e vive na relação com Ele. Viver na presença de Deus na vida cotidiana, obediente ao caminho que Ele traça para nós, é uma promessa grandiosa. No mundo, porém, as pessoas podem viver como se Deus não existisse, mesmo que experimentem a angústia de uma vida sem sentido que termina no nada. Todavia, a dúvida sobre a existência de Deus não evita o anseio por algo além de nós mesmos ou da realidade visível, não é a última palavra dentro de nós, pois temos uma capacidade inata que nos permite abrimo-nos a Deus, sempre que quisermos;
- A estabilidade que se apoia na esperança. Existem duas situações desafiantes em nossa existência: o tédio e a crise. Em ambas, pode parecer que Deus não está presente, nem nos ame ou nos ajude. Quando tudo parece ter perdido o sentido, a única coisa possível é invocá-Lo e ter paciência. A perseverança permite nos darmos conta de que o sentido da vida não pode ser criado ou construído por nós, mas é um dom que recebemos. Esta é força da esperança e que se expressa na estabilidade: maravilhar-se de novo a cada dia e agradecer por cada dia;
- A conversão ao amor. Esta é a meta do caminho. São Bento não propõe uma vida religiosa com vistas a construir uma obra específica para transformar o mundo, mas uma vida inteira vivida na relação cada vez mais contínua e amorosa com Cristo. Como diz no início da sua Regra: “Quem é aquele ou aquela que quer a vida e arde com o desejo de ver dias felizes? (Sl 33,13) [...] Procura a paz e segue-a (Sl 33,14-15) [...] Antes que Me invoqueis, direi: aqui estou” (cf. Prólogo). Trata-se, portanto, de um caminho para a felicidade, para uma vida plena e que dê certo. Por isso, é uma proposta para todos, pois a questão da felicidade é uma das questões fundamentais da humanidade.

*Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Leão XIV e a paz desarmada e desarmante

Na sua [Mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz](#), o Papa nos fala sobre a paz desarmada e desarmante à luz de Cristo.

Redação

Esta é a paz do Cristo ressuscitado: uma paz desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Ela provém de Deus, o Deus que nos ama a todos incondicionalmente [...] A paz existe, deseja habitar-nos, tem o poder suave de iluminar e alargar a inteligência, resiste à violência e a vence. [...] “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se pertube o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14, 27) [...] E Ele repete com firmeza àqueles que gostariam de defendê-lo: “Guarda a espada na bainha” (Jo 18,11; cf. Mt 26,52). A paz de Jesus ressuscitado é desarmada, porque desarmada foi a sua luta [...] Uma paz que nasce da abertura e da humildade evangélica.

A bondade é desarmante. Talvez por isso Deus se tenha feito criança [...] “Paz na terra”, cantam os anjos, anunciando a presença de um Deus indefeso. E a humanidade só pode descobrir-se amada cuidando Dele [...] “a fragilidade humana tem o poder de tornar-nos mais lúcidos em relação ao que dura e ao que passa, ao que faz viver e ao que mata [...] tem o poder de questionar a direção que escolhemos, como indivíduos e como comunidade” ([Fratelli tutti](#), FT 4).

São João XXIII foi o primeiro a introduzir a perspectiva de um desarmamento integral, alcançado somente por meio da renovação do coração e da inteligência [cf. [Pacem in terris](#), PT 118].

[...] Que isso seja um fruto do Jubileu da Esperança, que levou milhões de seres humanos a redescobrirem-se peregrinos e a iniciarem em si mesmos aquele desarmamento do coração, da mente e da vida, ao qual Deus não tardará em responder, cumprindo as suas promessas

Trechos da Mensagem de Leão XIV para o LIX Dia Mundial da Paz (01/jan/2026).

Imagem gerada por IA



Um coração desarmado e desarmante na vida política é possível

A política, quando busca genuinamente o bem comum e não o poder pelo poder, é a mais elevada expressão do amor – capaz de superar discórdias e “desarmar” sociedades, como mostram exemplos de líderes que priorizaram o diálogo suprapartidário à disputa por cargos.



José Mario Brasiliense*

Uma jovem universitária formada em relações internacionais me contou que uma vez participou de um encontro GEN (Geração Nova) do

Movimento dos Focolares. Disse-me que era criança, mas ainda se lembra do palestrante que afirma: “A política é o amor dos amores”. Trata-se de uma bela e inesquecível frase que nos provoca no contexto em que vivemos, marcado por discórdias políticas que facilmente “se armam” e chegam à violência e à guerra.

A política como expressão do amor na verdade vai além do afeto entre casais, famílias e amigos. Ultrapassa as fronteiras das comunidades, cidades e nações. Isso ocorre quando a política tem como objetivo o bem comum, ou seja, as condições sociais e econômicas que permitem o desenvolvimento integral de cada pessoa, e de todas as pessoas, sem exclusões. Como ensina o Papa Leão XIV, na encíclica [Magnífica humanitas](#) (MH 60), o bem comum “não coincide com a soma dos benefícios dos indivíduos, nem com o entrecruzar-se dos seus interesses particulares: é um bem maior, que pertence a todos e só em conjunto se pode construir, aumentar e salvaguardar.”

Na encíclica, Leão XIV esclarece

que a tarefa fundamental do Estado é garantir a coesão, a unidade e a organização justa da sociedade civil para que o “bem comum possa ser realmente alcançado com a contribuição de todos.” (MH 64). Trata-se de um ideal bem diferente do que se vê nos jornais que diariamente reportam a corrupção entre o setor público e privado, a sobreposição dos três poderes e a confusão de atribuições entre as esferas de governo.

O contágio psicofísico tornou-se um lugar comum na política e se expressa no medo das ameaças e na busca do poder pelo poder. Entre as armas mais utilizadas, vemos o pagamento de propinas e a nomeação para cargos. Tudo isso constitui o que São João Paulo II denominou de “estruturas de pecado que se opõem à vontade de Deus e exigem um empenho de conversão pessoal e social.” (MH 79) Como antídoto para tudo isso, é necessário humanizar a política, o que pode se dar com o (re)encontro entre corações e mentes abertas ao diálogo suprapartidário.

O Papa Francisco dizia que o tem-

po é superior ao espaço ([Evangelii gaudium](#), EG 222ss). No contexto político, os processos democráticos são mais importantes do que os cargos e mandatos. O Brasil e muitos países estão desafiados a “desarmar” suas políticas nacionais e internacionais. Muitos são céticos sobre isso, mas há exemplos históricos que demonstram ser possível. Isso ocorreu após a II Guerra Mundial quando Konrad Adenauer, Alcide de Gasperi e Robert Schuman lançaram, pacificamente, os alicerces da União Europeia. No contexto brasileiro, frequentemente se recorda do governador Franco Montoro, que ergueu as bandeiras da descentralização e da participação democrática. Em nível municipal, o ex-prefeito de Porto Alegre, José Fogaça, realizou a integração das políticas, que deixaram de ser setoriais para adotar uma visão integral do desenvolvimento humano. Afinal, a política é, de fato, o amor dos amores.

*Master em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, doutor em Administração Pública pela EAESP-FGV e presidente da Oficina Municipal, uma escola de cidadania e gestão pública vinculada à Fundação Konrad Adenauer.

CINE E VÍDEO

A Odisseia e a nossa cultura

Poucas estreias recentes geraram tanto debate quanto “A Odisseia”, de Christopher Nolan. O filme obteve a maior bilheteria da carreira do diretor e alcançou 94% de aprovação no Rotten Tomatoes, recorde entre seus longas. O fascínio e as polêmicas não nasceram apenas da sua reconhecida qualidade cinematográfica, mas também das liberdades narrativas tomadas a partir da obra homérica e da escalação multiétnica do elenco.

Francisco Borba Ribeiro Neto*

A Odisseia de Homero é um grande poema épico que consagra aquele que seria, sob certos aspectos, o mais completo dos heróis gregos: Ulisses, o líder que combina força, coragem, astúcia e carisma – homem de muitos recursos, de uma grandeza trágica capaz de suportar, com obstinação, até o destino imposto pelos deuses. Personifica a dignidade, a autoafirmação e o orgulho dos fortes, que enfrentam todas as adversidades para realizar a sua vontade.

Aos olhos da ética contemporânea, nem todas as suas proezas pareceriam elogiosas. Grita seu nome após superar o Ciclope, para que o derrotado sofra a humilhação de saber quem o venceu. Saqueia a cidade dos Cícones, matando os homens e repartindo mulheres e riquezas como despojo de guerra. Enquanto Penélope passa 20 anos esperando fielmente pelo esposo, ele passa um ano com Circe e sete anos com

Calipso. Na volta a Ítaca, não apenas mata os vis pretendentes, mas também as servas que se relacionaram com eles e o cabreiro que os ajudou – com requintes de crueldade.

Christopher Nolan, porém, estava interessado em explorar outra vertente da narrativa épica. Seu Ulisses, como ele mesmo e seu intérprete (Matt Damon) reconheceram, ecoa Oppenheimer, o pai da bomba atômica e protagonista de seu filme anterior. O cavalo de Troia é uma outra bomba atômica, destruindo uma cidade e matando milhares de inocentes. Ulisses é o herói genial, às voltas com o remorso pela imensa tragédia que brotou de seus atos – como Oppenheimer.

Para muitos críticos, Nolan desvirtuou o drama homérico, tirando-lhe o vigor, a grandeza e – de certa forma – até mesmo a tragicidade. Outros viram nele uma “leitura cristã”, marcada pela consciência da culpa e a necessidade de redenção. O próprio diretor reconhece que abordou a história sob o prisma da subjetividade de Ulisses e de valorizar a xenia, a lei sagrada da

hospitalidade, chamada no filme de “Lei de Zeus”, que evoca, em muitos aspectos, os princípios cristãos (“Fui peregrino e me acolheste”, Mt 25,35; “O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, Mt 25,40). Porém, Nolan considera que a ideia de um processo de expiação pelo pecado cometido e a valorização de princípios cristãos é algo que os espectadores veem ao se depararem com o filme – algo que está em nós, não obrigatoriamente no filme.

A Odisseia, de Nolan, mais do que uma obra “cristianizada”, é uma demonstração de como nossa cultura, mesmo quando tenta ignorar o Cristianismo, ainda respira seus valores. Não por uma reminiscência do passado, mas porque esses valores correspondem profundamente ao nosso coração. Afinal, quem – religioso ou ateu – nunca se deparou, em um momento de introspecção, com as consequências dos erros do passado e o desejo de redenção?

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO



A ODISSEIA (The Odyssey)
Direção e roteiro: Christopher Nolan.
Elenco: Matt Damon, Anne Hathaway, Tom Holland, Robert Pattinson, Zendaya, Charlize Theron, Lupita Nyong'o.
Produção: Syncopy, Universal Pictures (EUA/Reino Unido, 2026).
Duração: 172 minutos.